

jornal novo

Directora: Helena Roseta

Gás e electricidade vão subir de preço

• Torralta foi desintervencionada

Os agentes da Função Pública que estiveram em greve no passado dia 10 não irão receber o correspondente vencimento que, todavia, nalguns casos, por questões técnicas, só no próximo mês será descontado, segundo revela o comunicado final da sessão de ontem do Conselho de Ministros que se reuniu sob a presidência de Fimino Miguel, devido à ausência de Mário Soares na

América Latina em missão relacionada com as actividades da Internacional Socialista.

No extenso comunicado fornecido aos Órgãos de Comunicação Social ressalta o anúncio das alterações ao actual «sistema tarifário do sector eléctrico (continente)» e novo preço para o *fuel-oil* fornecido à EDP a ser repercutido em todos os consumos de

electricidade» e a fixação de novos preços para os gases de petróleo liquefeitos - o que pressupõe o aumento dos custos da energia e do gás doméstico, enquanto se revela que está constituída a lista de produtos a incluir no «cabaz de compras» mas, só no próximo plenário de ministros será apreciado o texto definitivo do projecto de resolução sobre o

(Continua na pág. 24)

Açores

Enérgico protesto do Governo contra Jornadas PS



Mota Amaral: «Os parlamentares socialistas bolsam sobre o Governo a frustração que lhes resulta de serem aqui oposição, estando-lhes portanto vedado lançar os Açores no descalabro completo em que se afunda o País».

—pág. 4

Curiosas afirmações no estrangeiro

Para Mário Soares a social-democracia fortalece-se no Mundo...

Procedente da Costa Rica chegou a Caracas Primeiro-Ministro português Mário Soares, à frente de uma delegação da Internacional Socialista que visitou vários países latino-americanos.

No aeroporto internacional de Simon Bolívar, Soares foi recebido pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros Simon Alberto Consalvi, o ex-presidente venezuelano Romulo Betancourt e os principais dirigentes do partido do Governo, a Acção Democrática, ligada à Internacional Socialista.

Entretanto estão a constituir motivo de polémica e até de curiosidade, pelas contradições que encerram, as declarações proferidas pelo Primeiro-Ministro português no decorrer da sua prolongada viagem em terras da América Latina. Assim não deixa de merecer a maior atenção a justificação dada por Soares ao «Diário de Notícias», em entrevista publicada hoje pelo

matutino lisboeta, para a sua participação numa manifestação na República Dominicana.

Segundo Soares, o presidente Balaguer havia tentado «diminuir o significado político da visita» recebendo o Primeiro-Ministro português com honras de Chefe de Estado. Tendo em vista a sua preocupação em «esclarecer este ponto junto do Presidente» e declarando «não pretender praticar qualquer ingerência», escreve o «Diário de Notícias», Mário Soares «resolveu participar na referida manifestação»!

«Foi por isso — disse o Primeiro-Ministro ao «DN» — que participei na manifestação de sábado passado que reuniu 300 mil pessoas».

Outro aspecto das interessantes declarações do secretário-geral do PS dizem respeito à classificação como «social demo-

(Continua na pág. 24)



Soares condenou, na Costa Rica, e a título pessoal «a intervenção cubana em Angola e na Etiópia». Contudo, aludindo ao ponto da visita da Internacional Socialista (de que é vice-presidente), o Primeiro-Ministro justificou a referida intervenção como «um pedido de auxilio que foi feito a Cuba».

Comerciantes de carne acusam

«Só queremos uma coisa: que o Governo diga a verdade»

«Nós, só queremos uma coisa: que o Governo diga a verdade» — foi o desabafo de dirigentes da Associação dos Comerciantes de Carnes do Concelho de Lisboa e Outros, após terem tomado conhecimento das notícias referentes à visita do secretário de Estado do Comércio e Indústrias Agrícolas, Alcino Cardoso, ao Matadouro Frigorífico de Lisboa. Um «vespetino lisboeta titulava mesmo a notícia dizendo que «o problema da carne estaria resolvido em quinze dias». Isto porque os talhantes decidiram suspender a venda de carne de bovino a partir de segunda-feira, protestando contra a nova tabela de preços. Alcino Cardoso teria afirmado a propósito que «o Governo havia sido colhido um pouco de surpresa» por esta decisão, «que deveria resultar somente após o diálogo». Ora, segundo os mesmos dirigentes da Associação, «o problema já vem de há muito». A este respeito, emitiram um comunicado, no qual se refere que «as notícias dadas se afastam da realidade... porquanto «no dia 14/3/78 foi enviada *acta* duma reunião dos Comerciantes de Carnes, na qual uma vez mais se apresentaram os pro-

(Continua na pág. 4)

Estão identificados assassinos de agente da Judiciária

A PJ prossegue intensas diligências para localizar os assassinos do malgrado agente da corporação. Pensa-se que a identidade dos criminosos ainda a monte já foi determinada e que a sua prisão possa registar-se a todo o momento.

A detenção do médico que assistiu ao marginal, atingido a tiro pelos assassinos na refrega com a brigada da Judiciária terá

contribuído bastante para o esclarecimento do caso. O médico, Manuel João Gaspar Moradas Ferreira, de 29 anos, residente em Lisboa, tentou escapar-se à perseguição que as autoridades lhe moveram, desde o Porto, acabando por ser detido na Figueira da Foz. Acompanhava-o a enfermeira Maria Ana Branco Amado. Os dois viajaram para o Porto de comboio e alojaram-se em

casa da auxiliar de Educação, Maria Margarida Moreira Ricardo, de 25 anos.

A PJ localizou também a casa onde o referido marginal foi tratado, havendo a convicção de que o projectil alojado nas costas não foi, contudo, extraído, presumindo-se que o ferido tente recorrer aos serviços de qualquer estabelecimento

(Continua na pág. 24)

«Papa» da Fiscalidade a «Jornal Novo»

«Desvalorização do escudo é a solução para Portugal»

• Musgrave critica ambiguidade do papel do sector privado

Em alternativa a uma política restritiva que diminua a inflação, mas que irá aumentar o desemprego, a desvalorização do escudo é a solução para Portugal.

Esta é a perspectiva de Richard Musgrave, professor da Universidade norte-americana, da Califórnia e uma das autoridades mundiais em matéria de fiscalidade que, a convite da Associação Fiscal Portuguesa, se deslocou a Lisboa.

Em entrevista que concedeu ao «Jornal Novo», Musgrave salientou a necessidade de no nosso País ser criado um imposto global sobre o rendimento e a imperiosidade de se reconhecer a importância do sector privado.

«Um dos problemas actuais de Portugal — disse — consiste em dar um grande relevo ao sector público, mantendo-se na ambiguidade o papel do sector privado.»



—pág. 21

Chaves da Faculdade de Ciências desapareceram duas semanas antes do incêndio

O grande fogo que destruiu a Faculdade de Ciências de Lisboa teria tido origem num só foco, ao contrário do que certos indícios deixaram entender desde o início. Esta opinião foi emitida por um conhecido professor daquela Faculdade, dr. António Soares, que, em declarações ao *Jornal Novo* fundamentou a sua opinião nos vestígios deixados nos escombros.

«Foi uma Guernica sem vítimas». O prof. Fonseca Sacarão, antigo director da Faculdade de Ciências e actual membro da sua comissão científica, explica a «Jornal Novo» como foi possível ter acontecido a

destruição de importante parte do património nacional, de valor reconhecido internacionalmente. Não terá sido apenas fruto de mãos criminosas: a incuria e o desleixo de sucessivos governantes foi (é necessário dizê-lo) conveniente com a barbárie.

Por outro lado, foi ainda conhecido pela reportagem de *Jornal Novo* o desaparecimento das chaves da Faculdade cerca de duas semanas antes do incêndio, na sequência do que não foram tomadas medidas para a substituição das fechaduras. Mais um facto de relevo para explicar a situação que possibilitou o incêndio?

—pág. 9

reportagem

Destruição da Faculdade de Ciências: «Uma Guernica sem vítimas» (I)

O que o fanatismo político destruiu não se mede em escudos

Textos de Afonso Manta, fotos de Salvador Ribeiro

“Foi uma Guernica sem vítimas”. O prof. Fonseca Sacarrão, antigo director da Faculdade de Ciências e actual membro da sua comissão científica, explica a “Jornal Novo” como foi possível ter acontecido a destruição de importante parte do património nacional, de valor reconhecido internacionalmente. Não terá sido apenas fruto de mãos criminosas: a incuria e o desleixo de sucessivos governantes foi (é necessário dizê-lo) cnivente com a barbárie.

O que se perdeu não se mede em escudos, nas parcelas de contabilidade de um país em grave crise económica. Ficámos mais

“Foi uma Guernica”, disse-nos o prof. Fonseca Sacarrão, quando ontem o procurámos na Faculdade de Ciências. Recebeu-nos no seu gabinete, um dos poucos poupados às labaredas que, na noite de sexta para sábado último, fizeram ruir grande parte daquele estabelecimento de ensino. Uma organização da extrema-direita, que se apregoa como defensora da Civilização Ocidental (triste ironia), reivindicou a autoria a enorme fogueira. Foi de facto uma nova Guernica. Não causou mortos, mas deixou lesados: um povo inteiro, toda uma civilização que os autores deste crime dizem defender.

O prof. Sacarrão, cuja vida se liga de perto com parte da história desta Faculdade, conduziu-nos a percorrer as ruínas. Entre os escombros, assistentes, alunos, professores, todos voluntários, de capacete na cabeça, procuram alguma coisa. Uma migalha do precioso recheio do velho edifício que as chamam, por milagre, tivessem perdoado. Uma moça, frágil nos seus vinte e poucos anos, empurra um carrinho de mão, onde as carcaças carcumidas e negras de velhos alfarrábios se amontoam. Restos de conchas calcinadas vislumbra-se no chão. Ferros torcidos. Paredes esventradas, negrecidas pela fuligem, levantam-se para o céu, deixado a descoberto pelos tectos succumbidos à voragem. Como lágrimas, gotas de água pendem dos carvões em que as traves de madeira se tornaram.

Espécies únicas destruídas pelo fogo

Aqui foi o museu de zoologia. Uma sala estendendo-se ao longo de toda a área que dá para o Jardim Botânico, no último andar. Nas paredes, ou no que delas resta, despojos queimados de três répteis. No chão, entre tijolos e cinza, parte de um crocodilo, meio comido pelas labaredas. Mais além, um pedaço de peixe, esguio e cinzento, boca fechada, num mutismo aqui grotesco e doloroso. De pé, desafiando esta paisagem, resistia uma pianha. O dr. António Soares cata nela algumas es-



Prof. Fonseca Sacarrão: «A destruição da Faculdade de Ciências foi uma Guernica sem vítimas»

pinhas — pouco mais de meia dúzia que nos mostra na palma da mão:

— É o que sobra de um peixe que ali estava. Espécie única em todo o mundo, considerada um fóssil. Foi pescada no Brasil, explica-nos.

Sente-se nele a revolta. É baixo, atarracado, a transpirar energia. As palavras saiem-lhe do rosto fechado, emoldurado por uma barba rala, a tornar-lhe a face ainda mais larga. Veste bata branca, botas de lona e boné. A sua linguagem, viva, é salpicada de alguns termos mais vernáculos, irreproduzíveis. Conhece todos os cantos à casa. Foi aluno da Faculdade, mais tarde funcionário administrativo, depois doutorado, especializado em ornitologia. Ele foi um dos nossos ciclerones.

Um sujeito alto, magro, de pera, encostado ao vão do que foi uma janela, desfia pacientemente poeira a poeira. Que procura ele? Na escadaria de uma das poucas partes do edifício poupado ao holocausto, exibem-se ossos calcinados, torcidos. São caveiras de animais, uma tartaruga carcumida, ratada pelas línguas de fogo. Noutra sala, sobre uma bancada, dispõem-se caveiras humanas, numerosas, dentes alinhados nas maxilas como que a riem-se do espectáculo desolador.

Desapareceu uma das colecções, de esqueletos humanos

Sentado numa poltrona, o prof. Sacarrão conta-nos a his-

pobres. Exemplos únicos de animais considerados fósseis, uma das mais importantes colecções de conchas existente no mundo, uma valiosíssima colecção de esqueletos humanos que cientistas estrangeiros insistentemente procuravam: peças de incalculável valor científico e histórico. Tudo isto se perdeu, devorado pelas chamas ateadas pelo fanatismo político, fruto de criminosa ignorância. Mas não só. São responsáveis também todos quantos deixaram criar as condições para que este acto de banditismo pudesse ter as dimensões que teve. Responsáveis fomos todos nós, cidadãos deste País, que não temos sabido defender o que nos pertence.

tória desta Faculdade. Antes dora o Colégio dos Nobres, destruído por pavoroso incêndio noséculo XVIII. Entre vicissitudes várias, no local foi construída depois a Faculdade de Ciências que, há perto de três anos, tinha sido já atingida por um fogo, na secção de Mineralogia. Curiosamente, o facto verificou-se também a um sábado, de madrugada. Enquanto rememora o passado desta Escola, que desde os anos 40 se identifica com a sua vida, o prof. Sacarrão vai mencionando o espólio, para sempre, perdido:

— A colecção de Ferraz de Macedo, doada à Faculdade, composta por mil esqueletos do século passado, recolhidos nos cemitérios de Lisboa. Era de valor inestimável. Cientistas de todo o mundo recolhiam nelas elementos para os seus estudos, que permitiam o conhecimento das transformações seculares do homem. Veja o que seria se daqui a cem anos, se pudessem recolher outros esqueletos, sistematizá-los e compará-los. Felizmente, existem os registos, que não se perderam. Há cópias em Paris, que nos foram pedidas.

— Uma colecção de conchas, das mais importantes, que praticamente começou com uma oferta de D. Pedro V à Faculdade.

E sucedem-se as referências: tipos de espécies, exemplares únicos ou raros, a par de outras importantes colecções de aves. E livros: nomes de naturalistas célebres, cujas obras se en-



O dr. António Soares, professor da Faculdade de Ciências, deu a “Jornal Novo” uma explicação nova do incêndio: algumas pistas que se indicam às autoridades

contram nas bibliotecas devastadas pelo fogo e pelas águas — Lineu, Buffon, etc. Receava-se o desaparecimento dos manuscritos de um dos maiores cientistas portugueses, o dr. Barbosa do Bocage. Felizmente, eles foram encontrados a salvo.

Equipamentos perdidos. Como reconstruir tudo isto? Quanto trabalho individual, de gerações, quanta vida humana consubstanciada em pesquisa, em labor intelectual, em esforço, sucumbiram à violência? Como foi este desastre possível? Será possível alguma vez, dimensionar o que se perdeu?

(na próxima edição: “A história de uma Faculdade devorada pelas chamas — As vozes que os Governos não ouviram”)

CT das construções escolares repudia incêndio de Ciências

Em comunicado ontem distribuído, a Comissão de Trabalhadores da Direcção Geral das Construções Escolares repudia a destruição da Faculdade de Ciências e exige o “apuramento de responsabilidades desta criminosa provocação, bem como o desmantelamento completo da rede bombista e a punição dos seus agentes”.

O comunicado apela ainda à Intersindical, às organizações estudantis e aos sindicatos para “afirmarem posições colectivas de denúncia e de repúdio”, e declara solidarizar-se “com as formas de luta que venham a ser definidas no seio do movimento estudantil e sindical de resposta a mais esta arrogante provocação fascista”.

As chaves da Faculdade de Ciências desapareceram duas semanas antes do incêndio

Não terá havido mais do que um foco no incêndio que, na noite de sábado para domingo passado, destruiu grande parte da Faculdade de Ciências, declarou a “Jornal Novo” o dr. António Soares, conhecido ornitologista e professor naquele estabelecimento de ensino. Percorrendo as ruínas das instalações de Faculdade, o dr. António Soares expôs à nossa reportagem, fundamentando-se nos vestígios deixados nos escombros, as razões da sua afirmação. O fogo terá despojado no ático inferior junto ao pré-fabricado que funcionava em aulas de matemática, o qual ardeu “como gasolina”. As faúlhas, atingindo o sótão, atearam o fogo às camadas de poeira que aí se depositavam e que deveriam ter mais de três centímetros de espessura: esta poeira serviu de anténico rastilho, generalizando o incêndio a outras secções, que foi apenas sustido junto à única empena do edifício.

Assim se explica que o sinistro, iniciado no ático, se tivesse propagado no corpo do edifício, de cima para baixo. Foram os andares superiores os primeiros atingidos. O fogo, fazendo abater os tectos e os sobrados, passou aos andares inferiores com a ajuda dos vigamentos de madeira e casquinha, que os sucessivos Governos decidiram manter para conservar a traça primitiva, apesar das repetidas insistências dos responsáveis pela Faculdade preocupados com a sua segurança. Apenas onde, em anos mais recentes, as instalações foram ampliadas com novas salas, protegidas por cimento armado, o fogo não entrou. O que, sendo elucidativo da incuria dos governantes que temos tido, alerta para o perigo que correm outros edifícios com as mesmas características de construção, como é o caso da Torre do Tombo.

A reportagem de “Jornal Novo” apurou ainda que a forte explosão sentida no edifício em chamas, por

volta das quatro da manhã de sábado, poderá ter sido provocada pelo ácido propílico nele existente e pelas botijas de gás que no seu interior se encontravam. De sublinhar que os habitantes das imediações, e mesmo a população de Lisboa, estiveram expostos a perigos ainda maiores: se o fogo tivesse atingido o laboratório de química, alcançaria nitroglicerina, com consequente explosão de dimensões incalculáveis. Por outro lado, seria igualmente atingido material radio-activo, gerando-se assim o risco de radiações.

Sabendo-se dos riscos existentes e do valor desta Faculdade (principalmente dos seus museus e bibliotecas), deverá perguntar-se se a incuria revelada pelos Governos, de antes e pós 25 de Abril, é só reveladora de incompetência ou também de criminoso desprezo pelo património nacional e pelo povo português. Competirá a quantos sobraçaram, até à data, a pasta da Educação e Cultura uma resposta concreta perante o país. Haverá coragem para a dar?

“Jornal Novo” soube também que, duas semanas antes do sinistro, desapareceram as chaves da Faculdade. Apesar do alarme dado, não houve a preocupação de substituir as fechaduras. Este facto poderá ter alguma coisa a ver com o incêndio, a confirmar-se a hipótese de fogo posto? É uma pista que deixamos às autoridades que investigam o assunto. Para já, acrescentamos que era bastante fácil penetrar nas instalações da Faculdade, apontando-se exemplos de indivíduos que, sem saber como, apareciam em plenas aulas a vender cauletas. Enfim: as chaves desapareceram, era fácil penetrar no edifício, era extremamente fácil as instalações arderem (quantas vezes foram os Governos para isso alertados), era fácil o desastre. Foi extremamente fácil os ministros responsáveis alhearem-se de tudo isso.

A.M.

4 boas razões para fixar este anúncio



- 1 TEM COZINHA 'SUSANA'
- 2 FOI COMPRADA E MONTADA AQUANDO DA INTERVENÇÃO INDEVIDA NA SANIMAR?
- 3 A SUA 'SUSANA' TEM DOBRADIÇAS EM PLÁSTICO?
- 4 NÓS PROPOMO-NOS OFERECER-LHE DOBRADIÇAS DE QUALIDADE DA MARCA 'SUSANA'

Sanimar

Pç. José Fontana 26 - LISBOA

Queira contactar a nossa secção de cozinhinhas pelo telefone 554074

QUEREMOS QUE AS COZINHAS SUSANA TENHAM A QUALIDADE DE SEMPRE

Aos anunciantes do «Jornal Novo»

Dentre as iniciativas que assinalarão a passagem do nosso terceiro aniversário de publicação, pensamos fazer no próximo dia 17 de Abril uma edição especial.

Para o efeito, convidamos os nossos anunciantes a enviarem-nos a sua publicidade até 10 de Abril. Contamos com a colaboração de todos e, em particular, das agências de publicidade.